

Entre a técnica e ação pedagógica em GPT: elementos para reflexão acerca da construção de uma proposta de GPT a partir da experiência de um grupo universitário em Goiás

Michelle Ferreira de Oliveira¹
Lohany Cristina do Nascimento Gomes¹
Lidia Acyole de Souza Oliveira¹
Nayara Lima Vianey¹
Thiago Camargo Iwamoto¹

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar as experiências e os desdobramentos de um grupo universitário de Ginástica para Todos existentes desde o ano de 2010 na Universidade Estadual de Goiás, denominado Cignus. Tal grupo tem delineado sua construção e ação pedagógica através da prática de Ginástica Para Todos e a partir da práxis propomos a reflexão entre o processo de formação, a técnica e a ação pedagógica em GPT. A temática se tornou relevante na medida em que inquietações foram se tornando ponto de pauta para debate: seria a técnica a questão mais importante na formação para a GPT? Estariam os processos excludentes afastando a possibilidade de uma ginástica prazerosa e praticável em espaços escolares? Essas duas questões se interligaram e propiciaram dois momentos reflexivos, a saber: a primeira, uma pesquisa de campo com professores da rede Estadual para compreender a ausência da Ginástica nas escolas no atual contexto e a segunda, a sistematização das reflexões acerca das ações realizadas via projeto de extensão e a compreensão de uma proposta que não prioriza apenas a técnica, embora utilize-a como uma base metodológica. Como procedimentos metodológicos foram realizadas: organização documental, revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Como resultado, compreendemos a GPT como conteúdo potencial para a Educação Física Escolar, para o processo de formação docente, para a reinserção e resignificação da Ginástica no Estado de Goiás.

Palavras-Chave: GPT. Universidade. Formação. Inclusão.

¹ Universidade Estadual de Goiás
Submetido em: 16 mar. 2016
Aceito em: 26 jan. 2017
Contato: michelle.f.oliveira@gmail.com

Between the technical and pedagogical action in GFA²: elements for reflection on the construction of a proposal for GFA based on the experience of a group from the university of Goiás

ABSTRACT

This paper intends to present experiences and outcomes of a university group of Gymnastics for All, which exists since 2010 at the State University of Goiás, named Cignus. The group have based its construction and pedagogical action from the practice of Gymnastic for All, and from that we propose the reflection over the practice process, the technical and pedagogical action in GFA. The theme become relevant when questions were put as the center of concerns and debate: is the technique the most important issue in the practice of GFA? Was the process of exclusion eliminating the possibility of a pleasant and practical gymnastics in school spaces? These two interconnected questions led to two reflective moments, respectively: the first was a field research among State school teachers to understand the absence of Gymnastics in schools within the current context and the second, the systematization of reflections on the actions performed through an extension project and comprehension of a proposal that not only prioritizes the technique, although uses it as a methodological basis. The methodological approach was done by documenting the project organization, reviewing literature and also by field research. As a result, we understand the GFA as an important content for the Physical Education field and the teacher's training process, as for the reintegration and reframing of Gymnastics in the State of Goiás.

Keywords: GFA. University. Practice. inclusion.

Entre la tecnica y la acción educativa en GPT³: elementos para la reflexión sobre la construcción de una propuesta de GPT a partir de la experiencia de un grupo en la universidad de Goiás

² GPT is the abbreviation for "Gymnastic for All" in Portuguese.

³ GPT=Gimnasia para todos

RESUMEN

Este documento tiene como objetivo presentar las experiencias y el desarrollo de un grupo universitario de Gimnasia para Todos, que ha existido desde 2010 en la Universidad del Estado de Goiás, llamado Cignus. El Grupo ha definido su construcción y acción pedagógica a través de la práctica de la Gimnasia para Todos y desde la práctica se propone a la reflexión del proceso de formación, la acción técnica y pedagógica en GPT. El tema fue ganando relevancia en la medida que las inquietudes que generaba se tornaban puntos de debate: sería la técnica la cuestión más importante en la formación de la GPT? Estarían los procesos de exclusión, eliminando la posibilidad de un ejercicio agradable y practicable en los espacios de la escuela? Estos dos temas están interconectados y han proporcionado dos puntos de reflexión: el primero, una investigación de campo con maestros de escuelas estatales para entender la ausencia de la gimnasia en el contexto actual y el segundo, la sistematización de reflexiones sobre las acciones realizadas a través de un proyecto de extensión y la comprensión de una propuesta que no sólo da prioridad a la técnica, a pesar de utilizarla como base metodológica. Como procedimiento metodológico se llevó a cabo la organización del proyecto documental, revisión de la literatura y la investigación de campo. Como resultado de ello, entendemos la GPT como contenido potencial para la Educación Física y el proceso de formación de profesores para la reintegración y replanteo de la Gimnasia en el Estado de Goiás.

Palabras Clave: GPT. Universitarios. Formación. Inclusión.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar, a partir do trabalho realizado pela equipe de Ginástica para Todos (GPT) da Universidade Estadual de Goiás – Cignus, uma discussão sobre a técnica, a ação pedagógica e seus desdobramentos, de acordo com a experiência do grupo. A temática parece-nos apropriada, uma vez que a proposta de GPT, no Estado de Goiás, tem delineado caminhos e consolidado espaços por meio das ações do grupo. Entretanto, ainda existem dificuldades sobre a compreensão da temática. E hoje, encontramos no espaço de formação acadêmica e na atuação nas escolas as possibilidades para o incentivo à (re)construção da ginástica em Goiás.

Para esse debate, nosso intuito é apresentar aquilo em que acreditamos, enquanto proposta de GPT, e mostrar as dificuldades inerentes ao processo. Assim, buscamos a partir de uma modalidade de ginástica¹ compreender e vivenciar uma manifestação cultural que se caracteriza pela diversidade. Linzmayer (apud GALLARDO 2008, p. 113) define a Ginástica para Todos como:

[...] uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da ginástica, integradas às demais formas de expressão do ser humano de forma livre e criativa. Sua principal característica é a de proporcionar a prática da Ginástica sem fins competitivos, para o maior número de pessoas, independente da idade, sexo, condição física ou técnica, proporciona uma gama infinita de experiências motoras, além de estimular a criatividade, o prazer no movimento, o resgate da cultura de cada povo e a interação social.

A Ginástica para Todos constitui-se em um território aberto para a integração humana, proporcionando relações de descobertas que podem ocorrer tanto na esfera individual quanto na esfera coletiva. A essência dessa proposta resgata a cultura de cada povo, propicia a interação social e traz à tona uma atividade genuinamente prazerosa. A GPT possui, em sua origem, o próprio movimento corporal e a formação do gesto poético presente nas linguagens artísticas que exibem o corpo como matriz.

Em Goiás, a proposta de GPT pode ser considerada relativamente nova. O grupo Cignus que existe desde 2010, na Universidade Estadual de Goiás, sob a coordenação da professora Michelle Oliveira, e o projeto Circus, criado em setembro de 2006 e coordenado pela professora Marília Goyaz, na Universidade Federal de Goiás, são os únicos projetos que se intitulam e abraçam a GPT como eixo central de sua proposta até o presente momento.

A consolidação do projeto Cignus ocorreu ao longo de seis anos, relevando os aspectos sociais, privilegiando “acima de tudo, a nossa dimensão humana, o que quer

dizer o ser humano cultura e não ser humano máquina” (AYOUB, 2007, p. 39). A proposta do grupo contraria a ênfase dos aspectos técnicos e competitivos existentes nas modalidades de ginástica e busca difundir a prática de Ginástica para Todos no Estado de Goiás. Além disso, compreendemos a mesma como uma manifestação da cultura corporal, o que confere a prática elementos presentes no cenário goiano: costumes, tradições, contextos locais.

A Ginástica para Todos vivenciada pelo grupo, permite a todas as pessoas que possuam interesse em participar de vivenciar os elementos da ginástica, afastando portanto, a ideia de que apenas atletas que treinem ou que executem com perfeição estejam aptos para a prática, respeitando os limites e individualidades de cada pessoa, os envolvidos desenvolvem características sociais, físicas e psicológicas através das articulações no grupo.

O percurso decorrido das histórias culmina hoje, no grupo Cignus, na busca por estudos e nas captações de estudos acerca de elementos como a música, a expressão e o movimento, o ritmo, as bases acrobáticas, o tecido acrobático, os malabares, o que nos remete à composição de Soares (2008, p. 12) quanto às expressões que constituem nossas linguagens:

A Música é hoje fundamental para o desenvolvimento da GG, também o foi como acompanhamento de distintas formas de expressão corporal para além da Dança. Se as expressões circenses nos dias atuais animam e constituem a GG, é sempre bom lembrar que o Circo e todas as suas exuberantes formas de tornar o corpo um espetáculo são anteriores a ela. E talvez aí resida um dos grandes méritos da GG, qual seja o de romper com a ideia de ser a Ginástica tão-somente uma modalidade esportiva e, assim, ampliar as múltiplas possibilidades de sua prática e pesquisa. Ao misturar tudo e acolher expressões que um dia estiveram presentes e construíram sua força e sua inserção social, a GG afirma-se resignificando sentido e valores.

Sendo assim, a concepção do grupo Cignus não se detém apenas na formação e na visualização de limites e possibilidades para um espaço delimitado, como, por exemplo, os espaços escolares. O Cignus hoje é a representação identitária de uma (re)descoberta de indivíduos ligados a uma concepção de corpo crítica, desde a formação inicial à formação acadêmica, em especial nesta última, na qual atualmente se encontram nossos esforços, para lidar com uma possibilidade prática de pesquisa e envolver o significado histórico de uma atividade que contemple um maior número de pessoas.

Resgatando, em um linear histórico, a possibilidade de se trabalhar as diferentes linguagens artísticas e corporais em contextos escolares ou não, com a terceira idade, com adolescentes, com crianças e, inclusive, em nossa construção acadêmica, entre outros; compreendendo as relações que perpassam as raízes históricas, resgatando aquilo que é lúdico, intervindo com as possibilidades e limitações de cada indivíduo, nosso intuito, com o Cignus, é propiciar aos futuros professores vivências e situações de

aplicação de várias possibilidades desse universo, respeitando os limites, privilegiando as potencialidades individuais e coletivas, promovendo mútuo aprendizado e socialização de conhecimentos e proporcionando uma melhor construção e desenvolvimento da corporeidade. Assim, incentivamos a valorização do indivíduo em benefício do grupo, a liberdade na utilização dos conteúdos da cultura corporal, o prazer na atividade, a promoção da cooperação, do companheirismo e da participação, a experimentação de diferentes formas de organização social, o estímulo à autossuperação e à criatividade, a possibilidade de participação de pessoas de diferentes idades, interações sociais e, principalmente, compreendendo o próprio sujeito como um ser que se conecta com o mundo e vice-versa.

Nessa perspectiva, várias ações vêm sendo desenvolvidas dentro da proposta inicial, a saber: o projeto no começo visava à formação de um grupo que difundisse a proposta de GPT no Estado de Goiás, por meio das apresentações, das participações em eventos, da organização de festivais. Contudo, em determinado momento, percebemos que eram necessárias ações que fossem além da construção do grupo: sentimos a necessidade de expandir a proposta em escolas, como uma possibilidade de (re)inserção da linguagem de ginástica nesse coletivo.

Essa inquietação surgiu a partir do momento em que, entre os acadêmicos ingressantes na Universidade Estadual de Goiás no curso de Educação Física, percebemos que a grande maioria não havia experienciado ginástica na infância e na adolescência. Ao questionar os acadêmicos, a maioria apontava que suspeitava que a não experiência com ginástica se dava pela ausência de materiais específicos para a modalidade, fato esse que reforçou ainda mais nossa busca por uma proposta de GPT em espaços escolares.

Para compreendermos as relações que se estabelecem entre a ginástica, a GPT, a escola e o projeto Cignus, organizamos este trabalho nos seguintes pontos: 1) apresentação do contexto da ginástica e sua inserção no espaço escolar; 2) a possibilidade da inserção de GPT nas escolas, seus limites e possibilidades; 3) as dificuldades encontradas pelos professores da Rede Estadual de Goiás (pesquisa realizada com eles); 4) questões concernentes à formação e à estruturação da proposta de GPT através de um grupo universitário.

1.1. O contexto da ginástica

De acordo com Paoliello (2011), a origem da ginástica vem dos nossos antepassados, na Pré-história, na Idade Antiga, na Idade Média, na Idade Moderna e na Idade Contemporânea, com elementos que foram se transformando com o passar do tempo. Na Antiguidade, com ênfase no Oriente, “os exercícios físicos aparecem nas várias formas de luta, na natação, no remo, no hipismo, na arte de atirar com o arco, como exercícios utilitários, nos jogos, nos rituais religiosos e na preparação guerreira de

maneira geral”, tendo se fundamentado também nos princípios da dualidade corpo e espírito (PAOLIELLO, 2011, p.1-2).

Na Idade Média, os exercícios físicos possuíam caráter militar, para preparação de soldados que atuaram nas Cruzadas, apesar de todas as imposições da Igreja acerca do corpo como uma unidade sagrada, a qual servia de templo para a alma, não podendo ser cultuado pelos sujeitos. Ainda segundo Paoliello (2011), existem registros de outras atividades praticadas nesse período, como arco e flecha, a luta, a corrida, o salto, a caça e a pesca, um tipo específico de futebol, dentre outros.

No processo de incorporação de conhecimento sobre as práticas corporais, as concepções impostas anteriormente pela Igreja sofrem um declínio, assim como essa instituição, tendo novamente uma retomada do culto ao corpo, situações que são apresentadas em diversas obras do período renascentista, iluminista e do romantismo. A Igreja perde força pelos ideais impostos por ela mesma, e a retomada dos exercícios, não somente para os fins militares, é reestruturada perante a sociedade.

Na Idade Moderna, o exercício físico passou a ser valorizado como agente de educação. A partir de então grandes estudiosos pedagogos dessa época (Pestalozzi, Rousseau e outros) instigaram o desenvolvimento do conhecimento (acerca das práticas corporais), influenciados pelas informações provindas de outras áreas, tais como a filosofia, a antropologia, a anatomia, a medicina e outras. Tal fato contribuiu para um movimento de sistematização da ginástica, surgindo os primeiros métodos ou escolas de ginástica (alemã, francesa, sueca, inglesa, dinamarquesa, austríaca), consolidadas a partir do movimento europeu (PAOLIELLO, 2011).

Os métodos ou escolas de ginástica tinham objetivos e características próximas, havendo pequenas diferenças quanto à sistematização do conteúdo e a preocupação com a formação individual, de acordo com o gênero e também com a necessidade social. Esses métodos, apesar de ocorrerem em regiões diferentes, surgiram concomitantemente, a partir das trocas de informações entre os idealizadores. Depois do seu surgimento, a prática da ginástica foi difundida por toda a Europa.

Segundo o Soares et al. (2012), as práticas corporais passaram por diversos momentos; entre eles, destacamos que na Europa no início do século XIX, período em que ocorria um movimento para a construção de uma nova sociedade, denominada sociedade chamada capitalista e que visava à formação de um novo homem, o sujeito seria mais forte, mais ágil, mais empreendedor. Havia a compreensão de que a força física desse trabalhador geraria lucro para uma pequena minoria, além de existir características higienistas e médicas. Com isso, os exercícios físicos passaram a ser entendidos como “receita” e “remédio” para atingir habilidades para o mercado de trabalho e, então, a preocupação de um corpo saudável torna-se muito importante, de

modo que foram pensadas práticas pedagógicas como a Educação Física para serem colocadas em ação.

A preocupação da educação com a formação do cidadão enquanto caráter patriótico e nacionalista teve destaque nesse período de sistematização das escolas-métodos de ginástica. Assim, pensadores da época disseminaram a importância das práticas corporais nos períodos escolares e também nas fases iniciais do indivíduo. Destaca-se que, inicialmente, há uma rigidez nas práticas corporais, muitas vezes voltadas excepcionalmente para o sexo masculino, enquanto que, para o sexo feminino, havia uma preocupação com a parte fisiológica e estética das mulheres.

É diante desse cenário de formação de sujeitos fortes e saudáveis que a inclusão das atividades físicas nos currículos escolares remonta ao século XVIII. Conforme Soares et al. (2012), alguns teóricos, como Guths Muths (1712-1838), J. B. Basedow (1723-1790), J. J. Rousseau (1712-1778) e Pestalozzi (1746-1827), foram de extrema importância para a inclusão das atividades físicas nos programas estudantis, já no século XIX. Nesse momento, a ginástica não estava voltada para educar na forma de ensino-aprendizagem, mas estava voltada para formar homens para a força de trabalho. A partir da escassez e preocupação com o âmbito escolar, foram feitas novas propostas sobre os exercícios físicos denominados “métodos ginásticos”, tendo como autores o sueco P. H. Ling, o francês Amoros e o alemão A. Spiess.

Soares et al. (2012) aponta que os métodos ginásticos, ministrados na escola, tinham o objetivo de aptidão física. Assim, através do exercício físico, os indivíduos estariam mais aptos para os exércitos e para trabalhar nas indústrias. Nesse sentido, com esses métodos cria-se uma nova visão de homem, disciplinado, obediente e submisso. Essa nova identidade pedagógica da Educação Física Escolar foi feita nas normas da instituição militar.

Após as sistematizações e pensamento da ginástica, percebe-se uma massificação da mesma no cenário europeu, destacando a expansão dessa prática corporal que começa a conquistar seu espaço. Nessa perspectiva, Santos et al. (2006, p. 8.220) apontam que:

O crescente movimento ginástico na Europa promoveu a criação de várias federações nacionais, sendo a primeira delas a Sociedade Federal de Ginástica, da Suíça, fundada em 1832, seguida pelas federações nacionais da Alemanha (1860), da Bélgica (1865), da Polônia (1867), da Holanda (1868) e da França (1876). Com o surgimento de várias federações nacionais, com o natural intercâmbio entre estas e a necessidade de um fórum único para a definição e resolução dos temas gímnicos, sob a tenaz orientação de Nicolas Cupérus e com a participação dos representantes das federações da Bélgica, França e Holanda, em 1881 foi fundada a Federação Européia de Ginástica – FEG. Originalmente a FEG, presidida por Cupérus, era contra a esportivização, somente acontecendo a primeira competição

oficial em 1903. Em 1921, no Congresso de Bruxelas, por proposição do Dr. Schreiner (TCH), a FEG passou à denominação de Federação Internacional de Ginástica – FIG. Desde então a FIG é a entidade responsável pela Ginástica mundial, atualmente gerindo a Ginástica Geral (GG), Ginástica Artística (GA), Ginástica Rítmica (GR), Aeróbica Esportiva (AER), Trampolim (TRA) e Esportes Acrobáticos (ACRO).

Os métodos ginásticos e a instituição militar chegam ao Brasil no século XX. A proposta de Educação Física escolar era apenas prática. Nesse período, os profissionais de Educação Física que atuavam nas escolas eram instrutores formados pelas instituições militares. Ou seja, além de a educação ser militarizada, ela era tecnicista e não havia uma ação teórico-prática de crítica, o aluno não desenvolvia um conhecimento científico, apenas reproduzia o que seu instrutor passava.

Além dessa perspectiva da Educação Física militarista, Ghiraldelli Jr. (1991) aponta outras concepções que influenciaram a Educação Física no Brasil e, conseqüentemente, as práticas pedagógicas, sistematizações e conteúdos a serem desenvolvidos: Educação Física Higienista (1889-1930), Educação Física Militarista (1930-1945), Educação Física Pedagógica (1945-1964), Educação Física Competitivista (anos 60 e 70) e Educação Física Popular, sendo esta última com possível data a partir da República. É importante ressaltar que cada concepção apontada por Ghiraldelli (1991) parte e é contextualizada a partir do momento sociopolítico e da cultura, atendendo as necessidades vigentes.

De acordo com Bracht (1992, apud AYOUB, 2007, p. 37), há uma grande influência dos esportes na Educação Física Escolar após a II Guerra Mundial:

Observa-se um grande desenvolvimento quantitativo do esporte, o qual vai consolidando-se gradativamente como o elemento hegemônico da cultura de movimento em todos os países sob a influência da cultura europeia, como é o caso do Brasil. Afirma, ainda, que no Brasil o desenvolvimento do esporte está muito presente, tendo como outras culturas de movimento vindas do exterior como o karatê, o judô, ou a própria capoeira que é da cultura brasileira.

Embora esse esporte nos dias de hoje seja sinônimo de atividade física, as práticas corporais e a ginástica são as principais características e elemento da cultura corporal. Nesse sentido, a ginástica vem sofrendo mudanças na sua história desde o início do século XIX, e não se pode negar que ela vem ganhando novos registros na atualidade. Com seu leque de movimentações, a ginástica deve ser trabalhada na escola, pois andar, saltar, correr são alguns dos movimentos naturais do nosso cotidiano. Entretanto, os caminhos que a Educação Física escolar percorreu nessas últimas décadas nos permitem afirmar que a ginástica foi sendo deixada aos poucos de lado, se tornando algo distante e impossível para as práticas escolares (AYOUB, 2007). A autora ainda

afirma que a prática deixou de fazer parte da constituição da Educação Física Escolar, pois o esporte foi caracterizado com os conteúdos de vôlei, basquete, futebol e handebol. Desse modo, esses conteúdos explicavam a técnica e já realizavam o jogo, enquanto que, para o desenvolvimento da ginástica, foi alimentada durante anos a necessidade de equipamentos para a realização das diferentes modalidades.

É importante observar que as inquietações a respeito do descarte da ginástica no âmbito da Educação Física escolar foram intensificadas na década de 1990, quando aconteceu um grande progresso nas discussões sobre a verdadeira função da Educação Física na escola e, também, da ginástica nesse contexto (AYOUB, 2007).

Na verdade, a Educação Física escolar deve ser trabalhada de forma crítica, criativa, divertida, de uma forma que os alunos interajam com a aula e com o professor. Complementando essa perspectiva da Educação Física Escolar, há várias propostas de conteúdos para se trabalhar nesse âmbito, e um deles é o proposto pelo Coletivo de Autores (1992), que fala em se trabalhar com os elementos da cultura corporal (esportes, dança, jogos, lutas e ginástica), assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997, os quais organizam os conteúdos em três blocos a serem desenvolvidos em todo o ensino fundamental, elencando: 1) Esportes, jogos, lutas e ginástica, 2) Atividades rítmicas e expressivas e 3) Conhecimentos sobre o corpo (BRASIL, 1997).

A partir dos estudos feitos sobre a Ginástica, desde seu processo histórico até nos dias atuais, destacamos a relevância de trabalhar Ginástica para Todos no espaço escolar. Esse trabalho é de suma importância, pois, além de aprimorar o desenvolvimento motor, a flexibilidade, a resistência muscular, o alongamento, elementos básicos a serem trabalhados durante a aula, ele também desperta os envolvidos para uma formação humana e social, embasada em atividade que proporciona o lazer e releva aspectos da cultura. Além disso, contribui também para a construção identitária do indivíduo, assim como a corporeidade. Evidenciamos, nesse sentido, que a contribuição da GPT não visa somente o corpo físico. Entendemos, na verdade, que ela vai além dessa relação, pelo fato de o corpo estar em constante e contínua relação e interação com o mundo social, uma vez que, por meio da gestualidade, dos comportamentos, dos movimentos (estes ampliados não somente com a parte mecânica) sociais, políticos, econômicos, culturais e outros, vai oportunizando melhoras como sujeito único e inserido em um contexto. E com isso, o professor possibilita a curiosidade, a interação e a satisfação entre os alunos sobre o conteúdo.

Nessa perspectiva, apontamos no próximo tópico as possibilidades de inserção da modalidade Ginástica Para Todos, partindo de alguns princípios, a saber: 1) conhecer o processo histórico da modalidade; 2) aprofundar os conhecimentos sobre a prática pedagógica e os princípios de GPT; 3) desmitificar a ginástica enquanto conteúdo

inalcançável e possibilitar a compreensão de uma vivência prática que proporciona movimento e coesão com uma proposta crítica para a Educação Física Escolar.

1.2. Princípios e fundamentos da GPT – limites e possibilidades

A Federação Internacional de Ginástica (FIG) é a entidade que representa a ginástica e suas modalidades em âmbito mundial. Atualmente, é composta por seis modalidades competitivas e uma não competitiva. A modalidade não competitiva denominada GPT (Ginástica para Todos), anteriormente chamada de Ginástica Geral, teve seu início no ano de 1953, juntamente com a inserção da Ginástica Rítmica (SANTOS; SANTOS, 1999 apud MENEZES, 2015, p. 1-2):

A Ginástica Geral foi introduzida no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, em 1953, pela professora húngara Ilona Peuker e, ainda neste mesmo ano, a convite do Ministério da Educação e Cultura ministrou cursos de Ginástica, do qual participaram professores de vários estados brasileiros, fato que proporcionou a primeira oportunidade de difusão desta modalidade no nosso país.

Atualmente, a ginástica contém vários campos de atuação, como, por exemplo, ginásticas de condicionamento físico, ginásticas de competição, ginásticas fisioterápicas, ginásticas de conscientização corporal e ginásticas de demonstração. Dentre todos esses campos de atuação, vale enfatizar a ginástica de demonstração, que representa a GPT, cuja principal característica é a não competição e cuja função primordial é a interação social entre os participantes.

É importante observar que a ginástica geral é uma manifestação gímnica e atualmente passou a se chamar Ginástica para Todos (GPT)². Ela vem sendo adequada para a escola por sua natureza que permite a livre participação de pessoas e diferentes idades. Essa modalidade tem como base os fundamentos de todas as ginásticas (ginástica rítmica, ginástica artística masculina, ginástica artística feminina, ginástica aeróbica esportiva, ginástica acrobática e ginástica de trampolim) e utiliza os materiais oficiais (trave, barras assimétricas, barra fixa, barra paralelas, argolas, cavalo, cavalo com alças, arco, fita, maçãs, corda e bolas, dentre outros) e alternativos.

A FIG aponta quatro pontos importantes da GPT: ela oferece um vasto campo de atividades para várias pessoas, de modo que a variedade, a diversão e a criatividade são trabalhadas na GPT e sua “campanha de propaganda mundial pela FIG é uma missão para todas as federações – de forma que a fascinação pela GPT faça com que todos participem!” (FÉDÉRATION, 1993 apud AYOUB, 1998, p. 58).

Por incluir todos os gêneros, a GPT é considerada ginástica demonstrativa e, com essa característica, seu trabalho e inserção em espaços escolares se tornam viáveis. A ginástica escolar tem como objetivo mostrar aos alunos as diversas formas de

movimentação do próprio corpo, desenvolvendo assim as suas capacidades e padrões motores fundamentais. Entretanto, as práticas dessa modalidade têm como eixos norteadores, como a aptidão físico-motora, habilidades motoras, consciência corporal, espacial, direcional, temporal e outras.

A partir dos elementos acima apresentados, percebemos que, embora haja uma perspectiva não competitiva, a ginástica em sua essência propicia elementos para a formação corporal. É importante ressaltar que, embora trabalhe elementos lúdicos, a interação social entre os alunos, a consciência corporal, ainda que busque desenvolver essas e outras movimentações corporais no espaço escolar, ela não pode declinar os aspectos técnicos. No entanto, é preciso ter claro que a escola, enquanto espaço de formação e experimentação, não tem como objetivo final formar atletas, mas poderá encaminhar para os espaços específicos de treinamento, para desenvolvimento de habilidades específicas para as diferentes modalidades.

É função da escola propiciar a vivência nas diferentes modalidades da ginástica. Assim, a Ginástica para Todos no que diz respeito ao espaço escolar tem se mostrado uma modalidade que não estimula a competição, mas proporciona a vivência da ginástica artística, rítmica, acrobática, aeróbica, trampolim etc., sendo, portanto, a GPT a modalidade que, no contexto escolar, possibilita a experimentação das diversas modalidades, ressaltando a questão social, cultural, lúdica e, ainda, trabalhando dentro dos limites de cada um.

Além das questões acima apresentadas, a relação existente na GPT entre docente e discente também merece destaque. O professor que direciona as ações articula os saberes e os limites de cada um dos praticantes, ou seja, ele potencializa aquilo que de melhor cada um dos envolvidos sabem fazer. Esse processo permite ainda uma relação de troca e, por essa razão, além de ensinar movimentos aos alunos, o professor, a partir das experiências e dos conhecimentos dos envolvidos, também aprende.

Essa troca de saberes se constitui na relação ensino aprendizagem, a partir da qual o professor ensina as possibilidades que essa prática pode trazer aos alunos, e os mesmos, com a compreensão, levam novas ideias para a sala de aula, engendrando uma aula criativa e interessante. Com isso, algumas ideias vão surgindo ao longo das aulas, e outros elementos, para além dos saberes científicos do docente, passam a compor as aulas. Além do movimento, materiais alternativos como o lençol, a sombrinha, a garrafa, o cabo de vassoura, dentre outros, são materiais que podem se tornar interessantes no auxílio para a construção e elaboração coreográfica da escola, materiais esses que podem ser inseridos pelo professor ou, ainda, pelos próprios alunos.

Portanto, a GPT na escola não é algo inalcançável. Basta o professor direcionar as ações, ter domínio do conteúdo da ginástica, usar a criatividade para criar materiais alternativos, mesmo que o espaço seja limitado. Embora a Ginástica para Todos se

diferencie pelas suas características e particularidades, ela faz com que sua junção com teatro, dança, capoeira e elementos circenses possibilite a qualquer faixa etária vivenciar sua prática.

As possibilidades que a GPT cria são múltiplas; ela está em diversas atividades esportivas disponíveis para várias idades diferentes, compreendendo essencialmente exercícios da ginástica sendo com ou sem aparelho, proporcionando sociabilidade, bem-estar físico, psíquico e cultural (AMBROSIO; AMBROSIO, 2011). No próximo tópico, será apresentado o método da pesquisa e sobre o tipo de questionário levado a campo nas cinco escolas da região Sudoeste de Goiânia (Goiás).

1.3. A pesquisa com professores da Rede Estadual de Goiás: limites e possibilidades da inserção da Ginástica para Todos como conteúdo da Educação Física Escolar

Esta pesquisa busca compreender o trato pedagógico e o manejo dos conteúdos da Educação Física Escolar entre os professores da área da rede pública de educação, na região Sudoeste de Goiânia, vislumbrando perceber as motivações para o trato ou não da ginástica enquanto conteúdo da Educação Física Escolar.

Pautaremos nosso estudo no método materialista histórico dialético, por concordarmos com Pires (1997), que afirma que o método busca interpretar a realidade e a visão de mundo e a práxis. Nessa perspectiva, entende-se como práxis a unidade da teoria e da prática na busca pela transformação, buscando novas sínteses de conhecimento, sendo esse nosso anseio com a proposição deste estudo.

Esse método dará a possibilidade de aproximar, compreender e interpretar a realidade das escolas em relação ao trato pedagógico dos conteúdos da Educação Física nas aulas, levando em conta todo o processo histórico social em que estão inseridos. Com base na ideia de que a categoria essencial do materialismo é a contradição que se apresenta na realidade objetiva, propomos uma pesquisa qualitativa que, segundo Triviños (1987), não aceita a neutralidade e a generalização dos resultados, além de também não desconsiderar a quantidade. Procura-se, assim, com base no método salientado, valorizar o processo de investigação, a consistência e qualidade dos dados.

Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um questionário semiestruturado que, segundo Gil (1999), se diferencia por ter como objetivo a coleta de dados, tendo como foco a visão geral do problema e a identificação daquilo que o entrevistado pensa sobre o assunto. Foram entrevistados cinco docentes formados em Educação Física em cinco escolas diferentes (professor da escola A, professor da escola B, professor da escola C, professor da escola D, professor da escola E).

No final das observações, a primeira questão abordava quais os principais conteúdos trabalhados na escola, e os professores (A, B, C, D, E) relataram que nas aulas práticas os alunos escolhem os esportes que mais gostam. São eles: futebol, vôlei, handebol, o basquete. Os cinco professores disseram, contudo, que não tinham a bola específica. Isso porque, na escola estadual, os professores têm o PPP da escola que devem seguir, e os conteúdos vêm divididos por semestres.

A partir disso, levanta-se outro questionamento: como é dividido o tempo das aulas e como é selecionado o conteúdo? Os professores A, B e C relataram que são duas aulas por semana; um dia a aula é teórica, e no outro dia é prática. E como já foi citado anteriormente, os professores deixam a critério do aluno a aula prática. Já os professores D e E relataram que há apenas uma aula e eles alternam: um dia, prática; e na outra semana, teórica. Nesse caso, os alunos acabam sendo prejudicados, pois como fazer com uma aula de Educação Física por semana apenas? Percebe-se na fala de ambos os professores (D, E) que o conteúdo é muito corrido e acaba ficando superficial para os alunos. Com isso, a pauta mais colocada foi sobre a falta de recursos didáticos, a falta de verba e a precariedade do espaço, da quantidade de aulas por semana, o que gera um empecilho para esses profissionais.

Outras questões levantadas na pesquisa foram: o professor conhece a Ginástica Para Todos? Trabalharia com essa modalidade na escola? Sobre essas perguntas apresentadas, a maioria dos professores apontou não conhecer a modalidade e juntamente com “o não conhecimento” apresentaram dificuldades para se trabalhar ginástica na escola. Uma das entrevistadas afirmou: *“Não conheço essa modalidade chamada Ginástica Para Todos, conheço a ginástica artística. Mesmo assim, não trabalharia pelos problemas que temos de infraestrutura, e a falta de materiais para trabalhar (algo novo)”*.

Ao depararmos com essa colocação, nossas angústias foram de encontro aos processos vivenciados dentro do próprio projeto Cignus e nas relações estabelecidas com as pessoas que não se aproximaram dessa linguagem no contexto da formação. Diagnosticamos, diante disso, duas questões: a primeira delas sobre a omissão da vivência da ginástica nos espaços escolares, em virtude de um discurso de ausência de material, bem como de não habilidade motora para o trabalho; a segunda questão diz respeito à dificuldade na formação acadêmica dos professores de Educação Física sobre a temática GPT.

Entendemos que a proposta de GPT é uma possibilidade para a ruptura com o processo implementado nos espaços escolares em Goiás do chamado “quarteto fantástico”: futebol, voleibol, handebol e basquetebol. Não buscamos menosprezar o conhecimento e o conteúdo dessas modalidades, porém apontamos a necessidade de uma retomada dos conteúdos e uma maior variabilidade de experiências na formação inicial (educação básica).

Infelizmente, a realidade encontrada nas escolas em Goiás aponta para a omissão de conteúdos na Educação Física Escolar, entre eles o conteúdo da ginástica em detrimento de um discurso da falta de habilidade, da falta de conhecimento e da falta de materiais, o que tem afastado a possibilidade de diferentes vivências na escola.

Entretanto, é preciso continuar investindo na formação e no estímulo ao desenvolvimento da proposta de GPT no espaço escolar. Concordamos com Ayoub (2007) quando a autora apresenta que, para desenvolver um trabalho com segurança em GPT nas escolas, é preciso conhecimento e é necessário entender que a GPT instiga a autoconfiança, a cooperação, o respeito e a individualidade de cada pessoa.

1.4. As inquietações sobre a pesquisa e as ações apresentadas

A pesquisa realizada sobre o contexto escolar e a relação com a Ginástica para Todos precedeu as vivências realizadas no Grupo de Ginástica da Universidade Estadual de Goiás, o Cignus.

É importante lembrarmos que o Cignus, enquanto grupo universitário, não tem como objetivo apenas apresentar coreografias compostas com base na modalidade de Ginástica Para Todos; pelo contrário, as coreografias são produtos finais de um esforço cotidiano de diálogos e compreensões sobre o que caberia ou não na proposta. O objetivo central do grupo é difundir a proposta que ainda é pouco conhecida no Estado de Goiás.

Ainda nos deparamos, cotidianamente, dentro da formação universitária com as questões apresentadas pelos professores da educação básica: ausência de leituras sobre GPT, incompreensão e confusão com as modalidades técnicas e questionamentos sobre até que ponto a cultura, a formação social e a formação pedagógica são importantes e até que ponto é importante ter excelência técnica.

A questão técnica é uma “crise alimentada” por diversas pessoas que não conseguem compreender a proposta de GPT. A incompreensão epistemológica é refletida em discursos que evidenciam a ideia de “fazer uma coreografia para ser feliz” ou de que “é só montar uma sequência e encaixar onde as pessoas conseguem executar os movimentos”. Mesmo seguindo a ideia imatura de que existe somente uma coreografia e de que é preciso encaixar as pessoas, percebemos que há a necessidade de considerar a técnica, técnica que, de fato, levará à elaboração coreográfica para um arranjo organizado de movimentos. O fato de elaborar e desenhar uma coreografia levamos a crer que, imbricado nesse momento, há a necessidade de um conhecimento técnico. O ritmo, os movimentos e as expressões corporais em concomitância com a música, representando um contexto, remetem-nos à necessidade de conhecimento sobre a técnica de elaboração sistemática de uma coreografia.

Para além dessas partes de composição, há de se identificar que esta última é constituída de movimentos. Dessa forma, é perceptível que, para as habilidades fundamentais e naturais do homem, há a necessidade de um certo grau de domínio técnico. O fato de caminhar, correr, saltar, gesticular, necessariamente, precisa de uma técnica para sua realização. Quanto mais apurada, melhor será a fluidez do movimento, isto é, quando se adquire uma habilidade motora e a mesma passa de um estado grosseiro para um mais refinado, percebemos uma melhora estética. Podemos exemplificar essa questão a partir da observação da habilidade de caminhar de uma criança. Ora, na infância, ela tem algumas dificuldades locomotoras devido ao estágio rudimentar em que se encontra (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013), por isso ela realiza a ação com determinadas dificuldades. Todavia, com o processo de amadurecimento, crescimento, desenvolvimento e com a aprendizagem motora, a criança refinará o gesto motor.

Pensamos que, mesmo que o gesto seja o mais natural possível, há a necessidade de aprimoramento, seja nas habilidades locomotoras, manipulativas e estabilizadoras. O corpo precisa se organizar para atender as necessidades e as características individuais de cada ser humano, a fim de que possa se movimentar perante o meio ambiente. E de fato, mesmo com o fato de a Ginástica para Todos propor a inclusão de pessoas com uma ampla diversidade motora e cada uma com suas individualidades e experiências, há que se compreender que técnicas para a realização de determinados exercícios são necessárias, para os mais básicos ou para os mais complexos, dos mais simples aos mais difíceis.

O fato de essa prática não possuir regras rígidas quanto à condição técnica dos participantes não desmerece a necessidade de compreendermos a importância da mesma para a execução dos movimentos. A parte técnica vai sendo construída ao longo das práticas gímnicas e, com isso, aproxima as diferenças de habilidades e melhora a plasticidade de movimento dos mesmos. Salientamos e reforçamos a ideia de que cada um possui um repertório motor diferenciado, assim como habilidades e aptidões físicas, e mesmo a GPT sendo um tipo de ginástica demonstrativa, dá-se uma importância também aos fatores técnicos, porém respeitando as diferenças e os limites de cada participante, ofertando a possibilidade de ele se “divertir” e, ao mesmo tempo, realizar uma prática sistematizada que promoverá benefícios nas mais diversas dimensões. É preciso ter em mente que nunca desconsideramos e nem o faremos com relação à questão técnica. Ao contrário, acreditamos que é preciso esse cuidado e que não existe nenhum tipo de movimento sem técnica. No entanto, salientamos a necessidade da formação acadêmica com base teórica consistente, entendendo que há uma lacuna entre a educação básica e a formação acadêmica em Educação Física que precisa ser compreendida.

A ginástica no Estado de Goiás, no atual contexto, acontece por meio do trabalho realizado pela Federação Goiana de Ginástica, pelas praças de esportes mantidas pelo governo estadual, por alguns trabalhos isolados e pela formação acadêmica na Universidade. Isso significa que o papel de formação na Universidade precisa aliar dois elementos: a formação pedagógica e o conhecimento técnico. Entretanto, mais clara que a presença desses dois elementos é a necessidade de compreender que na proposta de GPT não cabe uma estrutura rígida de uma ginástica que desconsidere o processo histórico dos participantes.

No atual cenário goiano, para a implementação e a (re)inserção da ginástica nos espaços escolares e, também, nos não escolares, é preciso um processo de ressignificação, de aproximação da linguagem de ginástica como uma possibilidade, e não como algo distante, praticado apenas por pessoas com competência e habilidade técnica.

1.5. A consolidação de espaços a partir de um projeto inicial

A ideia de aumentar o campo de atuação do grupo Cignus e explorar outros campos idealizados e estudados pelo grupo, como a área escolar, a ginástica para idosos e também a ginástica inclusiva, foi amadurecendo na medida em que o grupo foi se profissionalizando e ganhando campo, espaço e notoriedade dentro e fora do Estado. Dentro desse processo, vários profissionais e acadêmicos entraram no Cignus e se identificaram com a proposta de trabalho da GPT, permitindo assim que esses projetos fossem colocados em prática.

No atual contexto, trabalhos específicos estão sendo executados por integrantes do grupo que, hoje, passam a coordenar novas ações. Entre os projetos executados e propostos, temos: GPT para idosos, coordenado pela professora Cida Teles, uma parceria entre a essência da proposta do Cignus e a Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI); GPT para pessoas com Síndrome de Down, idealizado pela acadêmica e integrante do grupo Tatyana Miranda; Cignus Kids, que tem funcionado nos espaços de atuação profissional de integrantes do Cignus, coordenados pelos professores Nayara Vianey e Jeison Morais.

O grupo Cignus Kids³, constituído por meio de uma parceria entre o grupo Cignus e os componentes que já atuavam como professores de ginástica escolar tanto da rede privada quanto da rede pública, vem responder e desmitificar a demanda apresentada pela pesquisa sobre a presença da ginástica no contexto escolar do Estado de Goiás. A proposta é aumentar a interação das crianças com a modalidade através de vivências da ginástica com outros “atletas”, com a participação em eventos que explorem o campo da ginástica, melhorando com isso o repertório corporal e emocional, o trabalho em equipe percebendo a valorização da ação democrática dentro do coletivo, assim como a importância do trabalho em grupo.

Cada uma das crianças que participam do projeto apresenta um nível técnico diferente: algumas estão na modalidade há mais tempo e outras ainda estão iniciando, mesmo assim o trabalho desenvolvido tem o objetivo de agregar e valorizar o conhecimento de cada uma, levando em consideração o que cada criança tem melhor, de modo que ela possa contribuir para o grupo, fazendo com que esta se sinta capaz e pertencente ao grupo e, portanto, responsável.

A GPT na área escolar trabalha não somente o corpo, mas de maneira mais ampla o indivíduo e suas individualidades. Quando esse universo se expande saindo do âmbito escolar e explorando a ginástica em consonância com a sociedade, o aprendizado se potencializa, porque a criança percebe-se como agente transformador do meio em que vive, desenvolvendo habilidades como autoconfiança, capacidade de lidar melhor com as diferenças e respeito ao coletivo.

Embora o trabalho realizado com as crianças ainda seja recente, houve momentos de interação entre o grupo adulto e o grupo infantil. Nesse momento, foi possível notar que a interação entre crianças e adultos traz resultados positivos para o coletivo, tanto para o trabalho motor, porque aumentam as variações e possibilidades de movimento, como também para as relações sociais, com o cuidado com outro e a atenção com o grupo.

Com isso podemos perceber que o trabalho técnico, tanto com as crianças quanto com os adultos, é importante para a exploração e o desenvolvimento das habilidades motoras, mas esse trabalho deve estar de acordo com as práticas pedagógicas para que a modalidade não se torne uma cópia dos modelos desportivos de alto rendimento, que selecionam atletas de acordo com as habilidades físicas desconsiderando as outras habilidades pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ginástica Para Todos, ao longo da sua história, tem se mostrado uma manifestação genuinamente inclusiva e democrática nos seus diversos campos. Atualmente, as maiores manifestações de sua prática, no Brasil, têm se despontado nos cursos de formação superior em Educação Física, não só no âmbito do ensino e formação profissional, como também no campo das propostas de pesquisa e extensão. A experiência do grupo Cignus em Goiás é reflexo dessa afirmação.

O grupo hoje apresenta em sua essência a formação e a prática de uma Ginástica para Todos com base em uma proposta que abarca todas as pessoas que possuam interesse em participar, sem distinção de corpo, formação, técnica, sexo etc. Contribui não só para a formação do futuro professor de Educação Física, mas também oferece

retorno para a comunidade a partir de seus projetos de extensão e tem buscado ações que mostrem as possibilidades e a ressignificação da ginástica.

Enquanto projeto de extensão, o grupo promove apresentações coreográficas em diferentes espaços, organiza festivais e é integrado por diferentes grupos sociais, promovendo uma expansão da ginástica por meio de seus integrantes.

Relacionando ensino e pesquisa, acadêmicos integrantes do grupo desenvolvem conhecimento científico relacionado à GPT em âmbito nacional e regional, sistematizam trabalhos e utilizam-na não só como meio de divulgação acadêmica, mas como trabalho de conclusão de curso.

Ante a uma proposta aberta e com tantas possibilidades de atuação e desenvolvimento de trabalhos, várias questões foram sendo levantadas entre pessoas que já possuíam alguma experiência nas modalidades competitivas, em especial sobre a competência técnica. O trato pedagógico oportunizado por professores que primam apenas pela técnica e excluem as pessoas que não conseguem realizar a prática nos permitiu levantar uma série de questões sobre como essa ação poderia interferir no afastamento da prática de ginástica em diferentes espaços.

Essa situação nos instigou a pesquisar sobre a ginástica nas escolas. Os dados obtidos nos demonstram que, em geral, os professores se afastam desse conteúdo alegando incompetência técnica e ausência de materiais específicos para o trabalho, fato este que, ao longo dos anos, tem provocado a formação de inúmeras pessoas que jamais tiveram sequer um tipo de contato com alguma modalidade de ginástica.

É diante dessa realidade que entendemos a importância de uma formação pedagógica e preocupada não apenas com a técnica, mas com a inclusão e a participação de todos, algo que possibilite diferentes vivências. Que, a partir dessas vivências, os envolvidos que possuem interesse procurem centros especializados para as modalidades com as quais possuem maior afinidade. Hoje, portanto, podemos afirmar que a Ginástica para Todos é uma possibilidade de (re)inserção e (re)significação das práticas gímnicas em espaços escolares e um estímulo à participação em espaços não escolares.

NOTAS

1. Este trabalho é financiado pela Universidade Estadual de Goiás, por meio do recurso de pró-eventos – Pró-Reitoria de Extensão.
2. A Ginástica para Todos é uma modalidade da ginástica reconhecida pela Federação Internacional de Ginástica como uma modalidade não competitiva. Denominada até 2007 como Ginástica Geral, combina elementos gímnicos com diversas manifestações

culturais. Tem como principal evento a Gymnastrada, que ocorre de quatro em quatro anos.

3. O Cignus Kids é formado pelas escolas particulares Lassale e Mônica Centro de Estudos e pela Escola Municipal da Paz, de Aparecida de Goiânia.

REFERÊNCIAS

AMBROSIO, Margareth P.; AMBROSIO, Marcus Vinicius B. *Ginástica para Todos uma manifestação sociocultural*. 2011. Disponível em: <<https://unigym.files.wordpress.com/2011/05/ginc3a1stica-para-todos2.pdf>> Acessado em: 20 nov 2015.

AYOUB, Eliana. *A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a educação física escolar*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, 1998.

_____. *Ginástica Geral e educação física escolar*. 2. ed. – Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

BERTOLINI, Claudia Maria. *Ginástica Geral na escola: uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd116/a-ginastica-geral-na-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 15 maio 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília, 1997.

DUARTE, Leonardo de Carvalho; LUNA, Christiane Freitas. *Ensino de Ginástica em escolas da Rede pública de ensino do município de Jequié*. Campinas: Unicamp, 2010.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Loyola, 1991.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

HERMIDA, J. F. (Org.). *Educação física: conhecimento e saber escolar*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2009.

KUNZ, Elenor (Org.). *Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2006.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cozac & Naify, 2004.

MENEZES, Luciana. *Ginástica para Todos: história*. Disponível em: <<http://www.ginasticario.com.br/modalidades/ginastica-para-todos/historia.php>> Acesso em: 22 nov. 2015.

NASCIMENTO, B. B.; GARCES, S. B. B. Educação Física ou rola bola? A percepção da comunidade escolar sobre as aulas de Educação Física. *EFDeportes.com*: revista digital, Buenos Aires, año 17, n. 178, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd178/educacao-fisica-ou-rola-bola.htm>> Acesso em: 26 nov. 2015.

PAOLIELLO, Elizabeth (Org.). *Ginástica geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008.

_____. *O universo da ginástica*. Campinas: FEF/UNICAMP, 2011.

PEREZ GALLARDO, Jorge Sergio. A Educação Física Escolar e a Ginástica Geral com sentido pedagógico. In: PAOLIELLO, Elizabeth (Org.). *Ginástica geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008.

_____.; SOUZA, Elisabeth Paoliello M. Ginástica geral: duas visões de um fenômeno. In: AYOUB, Eliana. (Org.). *Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral*. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 33-38.

PIRES, Marília F. C. Educação e materialismo histórico dialético. *Interface, Comunicação, Saúde, Educação*, v. 1, n. 1, 1997.

SANTOS, J. C. E et al. Ginástica. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFED, 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998.

_____. et al. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana, PAOLIELLO (Org.). In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 5. Campinas, 2010. *Anais ...* Campinas: FEF/UNICAMP, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo, Atlas, 1987. p. 175.